

190

333

4

COLONOS CONTRA ÍNDIOS**Almir vai mediar o conflito**

"Nossa esperança é que o governador Almir Gabriel dê uma solução para o caso". Foi dessa maneira que o agricultor Gérson Christo resumiu ontem, em Brasília, as expectativas dos colonos em relação ao encontro que uma comissão vai manter hoje com o governador do Estado, para tentar resolver o conflito entre moradores da comunidade Velho Oeste e os índios da aldeia Kaiapó-Parakanã, na área Trancheira Pacajá, em São Félix do Xingu. Ontem, o capixaba Gérson Christo, 32 anos, há 15 no Pará, esteve na capital federal, onde se reuniu com o senador Ademir Andrade (PSB-PA) e com o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Márcio Santille.

A solução definitiva do problema, porém, depende do que ficar decidido no encontro que Christo manterá hoje à tarde, em Belém, como o governador Almir Gabriel. Ontem, entretanto, na reunião com Márcio Santille ficou decidido que será enviada à área de conflito uma comissão formada por um representante da Funai, um do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e uma pessoa indicada pelo senador Ademir Andrade, além de um representante do governo do Estado. Essa comissão é que vai investigar os reais limites da reserva e verificar quem está com a razão, se os colonos ou se os índios.

O presidente da Funai adiantou a Gérson Christo que existem duas opções para o caso, e que vão depender do resultado do trabalho da comissão. Se for confirmado que o assentamento dos colonos está fora da reserva indígena, a Funai terá que descobrir quem é o funcionário do órgão, no município de Altamira, que está insuflando os índios para que se

rebelem contra os agricultores. Até agora só se sabe que esse funcionário se chama João. Por outro lado, se os colonos tiverem realmente invadido a reserva, o governo do Estado vai ter que negociar e o Ministério da Justiça promover o reassentamento em outro local. Em qualquer dos casos, porém, garantiu Márcio Santille a Gérson Christo, os agricultores terão que ser indenizados pela destruição no assentamento, promovida pelos índios há uma semana.

A área em questão, denominada Trancheira Pacajá, mede 3.200 quilômetros quadrados. Na madrugada de 20 de setembro passado, 52 índios armados invadiram o assentamento onde estão morando 2.500 famílias, prenderam Gérson Christo, considerado o líder dos colonos, destruíram plantações, roubaram mantimentos e criações, mataram os animais que não puderam levar e queimaram duas casas. Depois, deram um prazo de dez dias para que os agricultores desocupassem a área.

Decididos a não acatar a imposição dos índios kaiapó, os colonos resolveram buscar soluções em Belém, com o governo do Estado, e em Brasília. Mas também fixaram um prazo, que expirou ontem de manhã: se não obtivessem uma solução favorável por parte das autoridades, invadiriam a aldeia indígena. Depois de muitas ponderações e de ouvir o secretário de Segurança do Pará, Paulo Sette Câmara, a decisão dos colonos foi adiada antes que findasse o prazo. Agora, eles buscam, pelos meandros da burocracia oficial, que "a solução do conflito chegue com a urgência que a gravidade do problema requer", acredita Christo.